

**A BELA DA TARDE E A BELA DO CRIME**  
**UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE CINEMA, JORNALISMO E A**  
**TEORIA DA HIPER-REALIDADE**

Mayra Costa Pires<sup>1</sup>

**RESUMO**

O estudo da relação entre o filme *Bela da Tarde* e da matéria intitulada *A Bela do Crime* do noticiário policial *Brasil Urgente*, vai mostrar os pontos de encontro entre filme e reportagem de acordo com as teorias da hiper-realidade. Com foco nas protagonistas dos meios o trabalho caminha entre a sedução e os pré-conceitos que comunicam ao telespectador símbolos e emoções.

**Palavras-chave:** Filme. Reportagem. Hiper-realidade.

Em maio de 2011, na cidade de Niterói – Rio de Janeiro, uma mulher matou um homem. O fato foi noticiado em várias emissoras e, como o crime não ficou esclarecido, durante vários dias o ocorrido ocupou espaço na mídia. Por ser um programa de jornalismo policial, o *Brasil Urgente*, da Rede Bandeirantes (Band), deu destaque ao fato. O programa nomeou o caso de *A Bela do Crime*<sup>2</sup> fazendo uma referência ao filme francês *Bela da Tarde (Belle de Jour)*, do diretor Luiz Buñuel, lançado em 1967<sup>3</sup>.

*A Bela do Crime*, da Band, é uma mulher de 18 anos, olhos azuis, loira, pele alva levemente rosada, que se chama Verônica Verone. Essa mulher matou o empresário Fábio Gabriel Rodrigues, 33 anos, casado, pai de dois filhos. Fábio e Verônica eram amantes. O crime aconteceu em um quarto de motel durante um de seus encontros secretos.

Já a Bela de Buñuel não matou ninguém, mas foi responsável indiretamente pelo tiro que atingiu Pierre (interpretado por Jean Sorel), seu marido. Mas, assim como Verônica, Séverine (Catherine Deneuve) também é jovem, loira, pele alva e tinha uma conduta sexual fora dos padrões morais.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Alagoas.

<sup>2</sup> Programa exibido no dia 26 de maio de 2011.

<sup>3</sup> *Belle de Jour* foi um dos maiores clássicos do cinema francês e mundial. O filme é baseado no homônimo do romancista francês Joseph Kessel.

As páginas desse trabalho pretendem mostrar o que aproxima a *Bela da Tarde* e *A Bela do Crime*. A partir das teorias de Jean Baudrillard veremos que o universo em que Verônica foi desenhada não condiz com a realidade, no entanto aceitamos como tal, uma vez que ela carrega consigo signos e significações que habita o imaginário coletivo.

A *Bela da Tarde* se passa na Paris de 1967. Séverine e Pierre formam um jovem e belo casal burguês. Ele é um médico bem sucedido e apaixonado por sua esposa. Ela, uma mulher de gestos requintados, diz amar o marido, apesar de não demonstrar entusiasmo com ele. O casal é amigo de Husson (Michel Piccoli), um homem rude para Séverine por suas investidas a ela, porém querido por Pierre.

Séverine e sua amiga, Renée (Macha Méril), estão em um táxi quando comentam sobre Henriette (não creditada), uma mulher do mesmo nível social das duas que havia se prostituído e estava trabalhando em um bordel. Séverine se interessa e quer saber mais sobre os bordéis de Paris. Ao chegar em casa ela parece nervosa e um pouco atordoada.

Devaneios são frequentes na vida de Séverine. Nesses sonhos ela demonstra aspectos instintivos da sua personalidade sexual. É submissa aos homens, açoitada por eles, transa com empregados e sente prazer em tudo isso.

Ao encontrar Henriette por acaso no clube de tênis, Séverine em seguida se depara com Husson. Em uma breve conversa eles falam sobre bordéis de Paris e Husson diz a Séverine o endereço de Madame Anaïs, um bordel que ele frequentava. Séverine então vai ao endereço indicado por Husson, mas não tem coragem de entrar. Mais tarde ela faz outra tentativa e, dessa vez, bate à porta. Madame Anaïs recebe Séverine e, percebendo seu nervosismo, tenta tranquilizá-la:

MADAME ANAÏS

Não tenha medo. Fique à vontade. Quero ajudá-la. Sente-se. Você é meiga, jovem. É isso que eles querem. Eu sei que é duro a princípio. Mas quem não precisa de dinheiro? Nós dividimos isso meio e meio. Eu tenho minhas despesas.

SÉVERINE

Obrigada, mas tenho que ir.

MADAME ANAÏS

Está tudo bem, você está um pouco nervosa. (Risos). É a primeira vez que você faz isso? Não é tão ruim assim.

Séverine passará as tardes deitando com os clientes no bordel e irá se chamar: *Belle de Jour* (Bela da Tarde), nome sugerido por Madame Anais. Seu primeiro cliente é o Sr. Adolphe (Francis Blanche), com o qual ela ainda se sente pouco à vontade. Ao chegar em casa depois de sua primeira tarde no bordel, Séverine queima suas roupas e finge estar doente para não ter que sair com Pierre como combinado mais cedo. Como bom marido que é, ele também decide ficar em casa para cuidar da esposa.

Uma semana depois, a Bela da Tarde volta à casa de Madame Anais, mas essa já não a quer mais, por seu sumiço de tanto tempo. Séverine insiste em ficar e promete que nunca mais repetirá o que fez.

A partir de então, Séverine atende a uma série de homens, se sentindo cada vez mais à vontade com eles e com sua nova vida no bordel. Um deles quer que ela represente uma duquesa onde ele é o servo. O outro é um japonês viajante, que carrega consigo uma caixa com abelhas. Um terceiro quer que ela finja ser a filha morta durante o funeral enquanto se masturba em baixo do caixão.

Porém, o mais constante de todos os amantes é Marcel (Pierre Clémenti), um *gangster* que começou a nutrir por ela um perigoso sentimento possessivo. Marcel exige ver sua amada não só pela tarde, mas à noite também. Ele está apaixonado e obcecado por ela.

Apesar da sua infidelidade, e por causa disso, Séverine se sente mais próxima a Pierre e ele também a acha mais sorridente. O casal agora parece estar se relacionando melhor e Pierre está feliz em sentir a esposa plena ao lado dele. Até que em uma dessas tardes Husson vai à casa de Anais e escolhe a *Bela da Tarde* para se deitar. Os dois discutem e ela o responsabiliza por estar ali, uma vez que foi Husson quem a deu o endereço do lugar. Ele se nega a deitar com Séverine porque para ele, a moça perdeu o que mais o atraía: sua virtude. E sai de lá, a pedido de Séverine, prometendo não contar nada a Pierre.

Com a visita de Husson, a Bela da Tarde decide não trabalhar mais na casa de Madame Anais. Ao deixar o prédio pela última vez, Séverine é seguida por Hyppolite (Francisco Rabal), amigo de Marcel.

Marcel vai à casa de Séverine e ameaça contar sua traição a Pierre caso, ela não volte ao bordel. Em seguida, espera Pierre na porta do prédio e o atinge com tiros. Na fuga Marcel é morto pela polícia.

Pierre agora está em uma cadeira de rodas, completamente dependente de Séverine. Sensibilizado com a situação do amigo, Husson decide contar tudo que sabe

sobre Séverine, para que ele não fique se sentindo culpado por estar dependente da esposa. Em um último devaneio de Séverine, Pierre se levanta da cadeira de rodas, vai até à janela e abraça Séverine. Os dois estão felizes.

O outro caso investigado nesse trabalho foi noticiado no programa *Brasil Urgente* da Rede Bandeirantes. O *Brasil Urgente* é um programa jornalístico policial bastante popular no país. Mantém-se constantemente em segundo lugar na audiência, perdendo apenas para a Rede Globo. O programa estreou em dezembro de 2001. Foi apresentado por Roberto Cabrini até 2003. Entre 2003 e junho de 2011 foi comandado por José Luiz Datena. Por um breve período Luciano Faccioli assumiu o programa, e logo foi substituído por Datena que voltou devido aos baixos índices de audiência.

A versão nacional do programa tem 105 minutos; as locais, 30 minutos. Suas reportagens podem durar o tempo que seus diretores julgarem necessário. Alguns casos de grande repercussão chegam a ocupar quase todo o programa.

Crimes e acidentes preenchem a programação diária do telejornal. O programa faz uso de um helicóptero para ajudar na melhor cobertura das reportagens e, frequentemente, acompanha o trabalho da polícia ao vivo, em casos de perseguição policial por exemplo.

O apresentador do programa não faz questão de ser imparcial e costuma emitir sua opinião sobre o que foi noticiado. Essa liberdade de âncoras e repórteres já rendeu alguns processos judiciais ao programa. Em 2010 o Ministério Público Federal em São Paulo moveu uma ação pedindo retratação aos comentários que o apresentador José Luiz Datena fez aos ateus. Neles, Datena culpou os que não acreditam em Deus responsáveis pela degradação da sociedade, relacionado criminalidade e descrença religiosa.

Outro caso envolveu a edição estadual na Bahia. A repórter Mirella Cunha humilhou o detento Paulo Sérgio Silva, acusado de estupro. Na matéria Paulo, que é analfabeto, confunde exame de próstata com exame de corpo de delito e a repórter reforça o erro pedindo para o entrevistado repetir por diversas vezes o nome do exame. Na ocasião, a Federação Nacional dos Jornalistas divulgou uma nota de repúdio à produção do *Brasil Urgente*, alegando que estes programas ferem os princípios e a ética do jornalismo e configuram abuso das liberdades de expressão e de imprensa, por violarem os direitos constitucionais da cidadania. O Núcleo Criminal do Ministério Público Federal da Bahia entrou com uma representação junto à Procuradoria Regional

dos Direitos do Cidadão, para que fossem tomadas as medidas cabíveis contra a repórter. É dentro desse contexto que a *Bela do Crime* foi criada.

A *Bela do Crime* é uma história misteriosa que envolve a morte do jovem empresário Fábio Gabriel Barbosa. Sua assassina é Verônica Verone, que confessou ter enforcado seu amante em um quarto de motel na cidade de Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro. Mas o laudo pericial contraria a versão da acusada, já que não foram encontrados sinais de estrangulamento no corpo da vítima. Tanto para a polícia quanto para a família da vítima, a jovem ainda esconde algo.

O relacionamento entre Verônica e Fábio começou em 2010, na época o empresário ainda era casado. Verônica ligou várias vezes para a esposa de Fábio revelando o caso entre os dois. O casamento entrou em crise, mas meses depois o casal se reconciliou e Verônica então passou a fazer ameaças à família de Fábio, dizendo que se ele não fosse dela, não seria de mais ninguém.

Verônica morava em uma confortável casa de três andares no município de Maricá, há 40 km do centro do Rio. A casa estava fechada e parece abandonada. A mãe de Verônica tinha uma personalidade muito reservada e os vizinhos pouco a conheciam. Mas Verônica era uma pessoa comum, cumprimentava a todos e nunca se envolveu em nada suspeito. Por isso a notícia do crime assustou a todos na região.

A infância de Verônica foi comum. Mas a vida confortável que ela tinha começou a mudar ano passado com a morte do pai, que era advogado e sustentava o alto padrão da família. No entanto, a falta de dinheiro e os problemas aumentaram depois da morte da avó dias antes do crime, o que teria prejudicado ainda mais o estado emocional já abalado de Verônica.

Durante a adolescência Verônica fez uso de medicamentos controlados e não tinha bom relacionamento com os pais. A menina usava drogas e acredita-se que ela viu em Fábio a figura paterna perdida.

As desgraças que vinham acontecendo em sua vida levou Verônica a se drogar para fugir da realidade de tristeza em que ela se encontrava. Quando cometeu o homicídio é provável que Verônica estivesse sob efeito de drogas.

No decorrer desse trabalho, vamos conhecer sob um viés antropológico e psicológico, o que há em comum entre filme e reportagem. Saindo da paridade técnica já comum entre os meios, esse trabalho vai propor uma análise do que atinge o inconsciente de quem assiste.

*A Bela do Crime* chamou atenção da imprensa pelo seu perfil “cinematográfico”. A Rede Bandeirantes não foi a única que trouxe essa característica para a matéria. A TV Globo ressaltou a beleza de Verônica em todas as matérias sobre o caso. No “Fantástico” do dia 22 de maio foram dedicados seis minutos e 10 segundos ao caso Verônica Verone. Durante toda reportagem havia uma trilha sonora de tensão como nos filmes de suspense.

Associar a ficção com a realidade é um fenômeno explicado pelo sociólogo, poeta, filósofo e fotógrafo francês Jean Baudrillard, em seus estudos sobre os meios de comunicação. Para ele estamos construindo um “mundo simulacional” que está intimamente relacionado com os significantes desconexos e com uma realidade totalmente estetizada, no qual há uma perda da noção da realidade concreta.

O cinema reproduz os fatos históricos de maneira muito semelhante para o telespectador ou ainda mais perfeita que a realidade. Não quer dizer que seja fiel aos fatos como eles realmente aconteceram, mas fiel na lógica e no sentido narrativo, que na verdade já não tem relação com o real histórico. Isso se dá porque os signos da época da história são diferentes dos da geração atual. O telespectador aprende o fato de acordo com os valores atuais da época e do lugar de origem. A perfeição com o fato histórico não existe porque se conta o filme de acordo com a personalidade do diretor. Baudrillard, compara as diferentes perspectivas sob fatos históricos de dois grandes diferentes diretores de cinema:

Em Visconti há sentido, história, uma retórica sensual, tempos mortos, um jogo apaixonado, não só nos conteúdos históricos mas na encenação. Nada disto em Kubrick, que manobra o seu filme como um jogo de xadrez, que faz da história um cenário operacional. (BAUDRILLARD, 1991; p. 63).

Como cineastas diferentes com características diferentes contariam a mesma história, senão sobre pontos de vistas diferentes? O cinema parece fiel a realidade porque a imagem em 24 quadros por segundo representa um fragmento de realidade. Um mundo novo é criado, ou seja, uma outra realidade, e nele tudo se encaixa, faz sentido e nada está à toa. Cada cena deve revelar algo sobre os personagens ou colocar a história pra frente. Por conta dessa perfeição, o cinema refaz o mundo mais perfeito que o mundo de origem. Observe o comentário do apresentador do Brasil Urgente, José Luiz Datena, feito logo após a exibição da matéria *Bela do Crime*:

Olha, eu fico aqui imaginando com os meus botões como é que uma moça dessa, bonita desse jeito, que tem um futuro inteiro brilhante pela frente, que tem aí uma família estruturada que de repente pode ter a vida inteira pra desfrutar, mata alguém. (DATENA, 2011).

Apesar da matéria que precedeu o comentário retratar apenas o crime e seus desdobramentos, com a imagem de Verônica, o jornalista já imprimiu alguns juízos de valores. Datena considerou que a moça vinha de uma família bem estruturada e tinha um grande futuro pela frente. O pré-conceito de Datena provém do ideal que uma pessoa com a imagem de Verônica passa à sociedade através da mídia e principalmente do cinema. Na realidade há a hipótese de Verônica ter sido abusada pelo pai aos oito anos de idade. Ela usava drogas, cursava pela terceira vez o 9º ano em uma escola pública e sempre faltava às aulas com a justificativa médica de transtornos de ordem psiquiátrica devido a morte do pai e da avó. Sua família estava afundada em dívidas e desde pequena ela apresentava uma personalidade agressiva. Na segunda reportagem do Brasil Urgente Datena duvidou que ela pudesse ter problemas psiquiátricos, como sugeriu a defesa da acusada.

A origem das palavras de Datena habita o que Baudrillard denominou Simulacros, que são experiências, formas, códigos, digitalidades e objetos sem referência que se apresentam mais reais do que a própria realidade, ou seja, são “hiper-reais”. Datena age como um telespectador e um propagador de valores. Ele levanta um questionamento típico sobre o caso: é do imaginário coletivo pensar que Verônica é uma afortunada por ser ainda jovem e bonita pois a história do cinema, contos, mitos, teatro, novela, literatura nos mostrou que pessoas bonitas são boas e conseguem o querem.

O telespectador já deve ter percebido, que na grande maioria dos filmes de sucesso, os heróis tem aparência agradável e os vilões fisionomias, por vezes repulsivas. E a televisão como responsável por levar o cinema para as massas, inclusive por meio das telenovelas, faz com que a beleza estivesse diretamente associada à características boas. Veja abaixo quem foram os vilões (à direita) e os heróis (à esquerda) dos dez filmes de maior bilheteria da história do cinema<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Fonte das imagens: [www.boxoficemojo.com/alltime/word](http://www.boxoficemojo.com/alltime/word); acessado em 7 de março de 2013.



**Avatar: Jake Sully e Coronel Miles**



**Titanic: Jack Dawson e Cal Hockley**



**Os Vingadores: Capitão América e Loki**



**Harry Potter e as Relíquias da Morte - Parte 2: Harry Potter e Lorde Voldemort**



**Transformers - O Lado Oculto da Lua: Optimus Prime e Megatron**



**Senhor dos Aneis - O Retorno do Rei: Frodo e Sauron**



**007 – Operação Skyfall: James Bond e Silva**



**Batman - O Cavaleiro das Trevas Ressurge: Batman e Bane**



**Piratas do Caribe - O Baú da Morte: Jack Sparrow e Davy Jones**



**Toy Story 3: Woody e Lotso**

A exaltação da imagem de Verônica faz pensar que se ela cometeu um crime é porque havia motivo para isso. E esse motivo foi encontrado na vítima e no próprio curso dos últimos meses da vida de Verônica antes do crime.

Além de Verônica matar um homem de padrões de beleza comuns, esse homem traía a sua esposa e assim traía um fundamento cristão. Também é do imaginário coletivo do mundo ocidental, a censura as “traições” aos dogmas cristãos. Para a nossa sociedade se Fábio tinha uma amante ele merecia ser penalizado por isso. A morte de Fábio não é sentida como o crime de Verônica.

Tanto o cinema como a televisão propagam valores familiares em extrema abundância. Todas as novelas terminam em casamento e isso é associado à felicidade eterna, como propõem a moral cristã. Mesmo que o mundo ocidental esteja cada vez menos religioso o cinema e a TV se encarregam em escrever a bíblia na sua programação sem citar o nome de Cristo. Há um bombardeamento de signos e simulações que o telespectador compra como felicidade e quando vê que não a atingiu senti-se angustiado. No entanto, o próprio termo “felicidade” é uma hiper-realidade. Para Baudrillard a satisfação e a felicidade são encontradas em um mundo simulacional de imitação e sem ligação com o real.

Com o mundo transformado em uma aldeia global, Baudrillard (1991) diz que o homem perdeu a capacidade de distinguir a realidade da fantasia, e começa a se envolver com este último sem entender o que está fazendo. A imagem em movimento impulsionou esse processo. Pelo seu caráter de fragmentar a realidade trazendo ao telespectador “uma porção de real” o cinema e a televisão não levantam dúvidas sobre o que se vê e o que se ouve. Causando assim uma mistura do real com o que não é real.

A mídia transformou a morte de um homem em um espetáculo onde sua assassina é a protagonista. Pouco se falou sobre a dor de sua família, sua personalidade e os filhos pequenos deixados por ele. Foi na beleza de Verônica que os jornais se apoiaram para construir as suas narrativas.

O mundo pós-guerra fria é muito apático e calmo, onde nada acontece. Vivemos somente na falsa ameaça de um ataque nuclear, na expectativa de uma 3ª grande guerra, da falta de água doce no planeta. Mas quem realmente acha que haverá uma guerra atômica ou que um dia não teremos mais água para beber? É a falta de algo espetacular que nos leva a espetacularizar fatos corriqueiros e sem importância histórica. O caso de Verônica tem o perfil cinematográfico que foi rapidamente entendido pelo repórter e o transformou em um espetáculo.

Em seu trabalho *Big Brother no Brasil - O espetáculo da vida real*, a autora Poliana Lopes afirma que “o BBB é mais uma forma de espetacularizar a vida comum, tornar a rotina de um grupo de pessoas em um produto midiático que, ano após ano, repete uma fórmula de sucesso entre os telespectadores.” (2011). No entanto, esse não é um privilégio dos *Reality Shows*. *A Bela do Crime* e todo o desdobramento midiático sobre o caso é um exemplo do jornalismo espetacular.

O próprio meio televisivo é responsável por espetacularizar qualquer pessoa que nele esteja. Seu suporte físico gera pseudo-acontecimentos que não são nem verdades nem mentiras. É uma imitação da realidade em um ambiente relativamente controlado, que tende a ser perfeito, onde tudo se encaixa se conecta e faz sentido e por isso causa tanto interesse.

O prazer da imitação, já o sabiam os antigos, é um dos mais inatos à alma humana, mas aqui além de desfrutar uma imitação perfeita, desfruta-se a persuasão de que a imitação tenha atingido o próprio auge e que daqui em diante a realidade lhe será sempre inferior. (ECO, 1984; p.33)

Passado mais de 20 anos o que vemos hoje é a confirmação das palavras de Umberto Eco. Na citação o sociólogo se referiu aos parques da Disney World. Lá, tudo, bonecos, brinquedos, pessoas humanas são apresentadas como falso a fim de ser experimentado como hiper-real, como disse Eduardo Geada em seu livro *O cinema espetáculo* (1987). Em seu artigo *Hiper-Realidade versus Sedução – o paradoxo do Big Brother Brasil*, Felipe da Silva Souza, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, usa as ideias de Baudrillard para definir simulações:

A simulação situa-se exatamente na fronteira entre realidade e a ficção, entre a essência e a aparência, entre a verdade e a mentira. Não há oposição ou diferença. Isso significa que já não há nem verdade nem mentira, nem realidade, nem ficção, nem falso, nem verdadeiro, nem sujeito, nem objeto, nem razão, nem sentido nem consciência, nem casualidade. (SOUZA, 2011; p.06).

O caso de Verônica, extremamente espetacularizado, se apropriou da *Bela da Tarde* para construir sua narrativa. Como podemos então esperar do jornalismo o compromisso com a verdade se a realidade e a hiper-realidade habitam o mesmo universo? O que é o caso *Bela do Crime* se não um assassinato como tantos outros?

O telejornalismo transpõe os fatos reais para o outro lado da tela. E junto com eles vão uma avalanche de signos, símbolos, simulações e que por isso perdem a característica de real e se torna hiper-real. O inconsciente social diz que quando uma pessoa tem uma situação econômica muito inferior à média da população não é de se espantar que ela cometa crimes por sobrevivência, defesa ou ignorância. Mas uma pessoa como Verônica ainda que fosse pobre usuária de drogas e com rendimento escolar muito ruim não se enquadra no perfil de um assassino mesmo que nele esteja. Sua aparência vai de encontro a realidade criada e causa estranheza, pesar e compaixão ao telespectador que carrega consigo outra uma hiper-realidade.

A *Bela do Crime* não mostra o nome do repórter que a fez, mas em sua narrativa o autor destacou por várias vezes uma foto de Verônica em que ela está muito maquiada e bonita. Foto essa que confronta com a imagem de Fábio. Toda a narrativa da matéria traz Verônica como personagem principal e faz dela assim como a *Bela da Tarde* uma mulher misteriosa:

Nem mesmo a reconstituição do crime foi suficiente para esclarecer o mistério que envolve a morte do empresário Fábio Gabriel Rodrigues Barbosa, de 33 anos. Verônica Verone de 18 anos confessou ter enforcado o amante com um cinto dentro de um quarto de motel, em Niterói, na região metropolitana do Rio. Mas o laudo pericial contraria a versão da acusada já que não foram encontrados sinais de estrangulamento no corpo da vítima. (AUTOR DISCONHECIDO, Brasil Urgente, 2011).

A Bela de Buñuel também é uma mulher misteriosa, que fala pouco, em baixo tom, tem segredos e amantes. Em dialogo com seu marido Pierre, interpretado por Jean Sorel, Séverine mostra sua personalidade enigmática:

PIERRE

Você se entedia.

SÉVERINE

Não quero voltar à Paris.

PIERRE

Porque você não me conta? Você me esconde algo. Se me contasse talvez eu pudesse ajudar.

SÉVERINE

Contar-lhe o que?

PIERRE

Que gosta de alguém.

SÉVERINE

Outra pessoa?

PIERRE

Sim.

SÉVERINE

Sabe que é impossível.

PIERRE

Pedi que me acompanhasse para ver se algo a prendia em Paris. Eu sei, você quer voltar. Mais do que nunca você está distante. Nunca a senti perto de mim.

SÉVERINE

Por favor, me perdoe.

PIERRE

Sem dúvida é por minha culpa.

SÉVERINE

Acha que apesar disso não te amo?

PIERRE

Acho sim.

Somente em seus pensamentos e para o público Séverine continua: *Não sei como explicar. Quisera compreender tantas coisas, querido. Coisas que me dizem respeito. Procuro em você algo superior ao prazer. É muito mais que isso. Eu não espero que*

*you believe in me, but I never felt so close to you.* A própria Séverine confrontava o hiper-real com o real. Ela lutava contra a vontade de se prostituir, de ter outros homens e de não desejar sexualmente seu marido. O conflito de Séverine não é apenas moral, Baudrillard considera que as angustias, medos e conflitos que vivemos decorrem do mundo simulacional que estamos.

A Bela que precede a tarde e o crime aproxima as duas protagonistas. Se para a repórter, Verônica Verone é Séverine, ela também é toda a simulação representada por Catharine Deneuve e tudo que ela representa. Uma mulher fria, que agia por impulso, tinha uma boa vida e era feliz, ou pelo menos deveria ser. Se Séverine e Verônica não eram, há algo de errado em suas vidas que elas não têm responsabilidade ou culpa sobre. Essas são hiper-realidades que o telejornalismo nunca deixou de mostrar.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARTHES, Roland. **Saindo do Cinema *in*: Psicanálise e Cinema.** São Paulo: Global Editora, 1980.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações.** Lisboa: Relógio D'água, 1ª Ed., 1991.

BAUDRILLARD, Jean. **O Sociedade de Consumo.** Lisboa: Edições 70, 3ª Ed., 2009.

ECO, Humberto. **Viagem na Irrealidade Quotidiana.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1ª Ed., 1984.

SOUZA, Felipe. **Hiper-Realidade versus Sedução – o paradoxo do Big Brother Brasil.** Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.